

SOB A ANÁLISE DO DISCURSO ECOLÓGICA, O CAMINHO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O “IDIOLETO” DE MANOEL DE BARROS

Vera Lúcia Santos Alves (1)

(Universidade Católica de Pernambuco, vlmedeiros1@hotmail.com)

Resumo: Tratamos, nesta pesquisa, da linguagem poética de Manoel de Barros como reflexo de sua relação homem-poeta com a natureza, abordando o caminho que essa visão pode traçar até a educação ambiental, abordada sob o viés da literatura. Para tanto, consideramos a “subversão da linguagem”, conforme nominava o próprio Barros, na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso Ecológica (ADE), praticada em torno da Escola Ecolinguística de Brasília. A ADE se dedica ao estudo de textos e discursos contextualizados nos três sistemas da Ecolinguística – social, natural e mental. Recebe tanto a referência de teoria, quanto de método, focalizando o uso do discurso nas relações entre os seres, no ecocentrismo. O trabalho se realizou com análise qualitativa de poemas de Manoel de Barros, baseando-se no texto, no discurso e no contexto de produção de cada feito poético. Trabalhamos, nessa busca de relação entre o fazer poético de Manoel de Barros e a prática educativa ambiental, o suporte subjetivo da linguagem barriana e a transdisciplinaridade que o educar sobre a relação homem-natureza exige. Isso, por crermos que o ambientalismo não pode ser dissociado da cultura, razão pela qual o homem precisa aprender a desenvolver pensamento transversal para alcançar uma visão econcêntrica dessa relação. Como resultado, verificamos, na obra do poeta, intérprete da profundidade do universo, flagrante identificação do vínculo entre o indivíduo, o meio ambiente e a palavra, formatando a base fundamental da língua - Território (T) + Povo (P) + Língua (L) – relevantes na construção da prática pedagógica ambiental distanciada da visão antropocêntrica que ainda tem, em grande parte, dominado o discurso social e educacional no Brasil, que acaba culminando nos graves desequilíbrios ecológicos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação ambiental, Ecolinguística, Literatura.

1. INTRODUÇÃO

Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e ave. **Manoel de Barros**

Manoel de Barros nunca aceitou clausuras classificatórias que o aprisionassem de forma cronológica e estilística. Sua aversão às prisões ideológicas revela plena identificação com os pássaros, com o vento, com as folhas; enfim, com a natureza. Esta não faz simplesmente performance temática na poesia do autor, mostra-se, na verdade, como a origem do próprio ser humano (e do próprio Manoel de Barros, portanto). Nascido em Cuiabá, Mato Grosso, em 1916, Manoel de Barros teve como cenário de experiências de infância a fazenda onde seu pai era capataz. Daquele universo, certamente nasceram percepções que hoje se alastram em forma de versos e “invenções” poéticas. Depois, foi estudar num internato, onde pôde manter contato com a riqueza literária clássica. Não absorveu paradigmas poéticos, é verdade, mas diz que se viu confirmar a

sensação de como o fazer poético exigia uma “desbravar” que demandava muito de um homem que se sentia tão comum. Desapegado, absolutamente, de estruturas poéticas tradicionais, Manoel de Barros não nos apresenta sonetos, nem rimas, nem metrificações convencionais. O caminho estético de seus poemas é completamente livre como são livres seu coração e sua mente.

Tendo seu pai se tornado um fazendeiro, Manoel de Barros acabou herdando terras no Pantanal, espaço revelado em vários aspectos de “Tratado geral das grandezas do ínfimo”, em que o mistério da busca e da descoberta é lançado às mãos do leitor, instigado a desvendar palavras e sentidos. Ainda assim, o poeta nunca concordou com o rótulo que lhe tentaram pôr de “poeta pantaneiro”. Transcendeu seus olhares nesse como em todos os outros espaços em que pôde notar-se parte e não espectador do seu meio ambiente. Manoel de Barros escreveu e viveu como um morador do universo e, portanto, “escrevinhador” e intérprete da profundidade desse universo. Não poucos escritos sobre a obra de Barros já buscaram classificá-la, atribuindo-lhe características de determinados movimentos e estéticas artísticas, a exemplo de Hilda Magalhães, em “História da Literatura de Mato Grosso – século XX”, para quem o poeta é “surrealista”. Para Menezes (2007), cronologicamente, o poeta pertence à geração modernista de 1945. Em outras abordagens, a poesia barriana surge como produção pós-modernista. Em entrevista concedida ao Jornal do Brasil em 1996, no entanto, o próprio Manoel de Barros expressa seu caráter avesso a classificações:

Nunca na minha vida fui de participar muito de grupo. Acho que em poesia também não pertencço a nenhuma geração, a tal geração de 1945 não é a minha, e vejo outros poetas, como João Cabral de Melo Neto, que não é de geração nenhuma. Aliás, como classificar o Rimbaud? Em que geração classificamos o Augusto dos Anjos? Eles são simplesmente grandes poetas (BARROS, 1996).

Por essa razão, não desejamos, ao falar em “identidade poética” traçar perfil de classificação para a poesia de Manoel de Barros. O intuito, aqui, é “bisbilhotar” questões sugeridas pela escrita barriana no tocante à sua relação com a natureza, constituída não com olhar de observador ou descritor desta, mas com o caráter de pertencimento a ela, proclamado no dizer do poeta e muito bem articulado com a nova visão antiantropocêntrica da educação ambiental – o homem é parte da natureza; não seu explorador ou mero espectador. Trata-se de algo que Barros expressou não somente nas poesias, mas também nas referências que fazia à sua existência, quando indagado a respeito de sua inspiração e do seu conhecimento como homem-poeta: “A inocência da natureza humana ou vegetal ou mineral me ensinou mais. Quem não conhece a inocência da natureza não se conhece” (Barros apud Philadelfio & Cruz, 2008). De tal característica da obra e da vida de Manoel de Barros,



surgem questões que norteiam esta pesquisa: a “subversão da linguagem” barriana está ligada à construção ecolinguística? Que aspectos da sua obra confere ao seu fazer poético o aspecto identitário que a importante relação do homem com o meio ambiente preceitua para se construir uma educação ambiental eficaz? Esta, que deve romper com uma visão de educação determinante da difusão de repasse de conhecimentos, propondo ao indivíduo que ele é parte integrante da natureza, questão ainda sob confrontos ideológicos na educação ambiental, como se vê na Figura 1:

Figura 1: Diferença entre visões a respeito da visão do indivíduo sobre sua relação com o meio ambiente

Formação humana e técnica clássica	Profissional alfabetizado ecologicamente
Autoridade: autoritário(a); antropocêntrico(a)	Humildade: dialoga com o mundo em condições de igualdade
Trabalha principalmente com o que sabe	Trabalha com o saber do(a) outro(a) e o que não sabe
Razão (lado esquerdo do cérebro)	Intuição, emoção (lado direito do cérebro) equilibrada com razão
O(a) outro(a) entra no meu mundo	Eu compartilho o mundo com o(a) outro(a)
Fechado(a) em si e no seu próprio mundo	Eu faço parte de um todo maior
Predomina a expiração (eu sei > o outro não sabe)	Expiração e inspiração equilibrados (sabemos e não sabemos)
Eu decido / Eu / Ego-ação	Nós decidimos / Equipe / Eco-ação
Hierarquia	Horizontalidade, policentrismo, redes
Disciplina: fragmentação	Interdisciplinaridade: holos

Fonte: (MUNHOZ, 2004, p. 151apud ADAMS et al, 2010, p. 48)

Diante disso, é relevante pensar o contributo da linguagem de Barros à educação ambiental, à formação de cidadãos ecológicos integrados ao meio em que está inserido, visto que o aluno passa a estudar a linguagem como fruto e canal de sua relação com a natureza – como viveu Manoel de Barros- dando, assim, à praxis do ensino ambiental o caráter de pertencimento, de inclusão. A Ecolinguística, em sua relação com a obra do poeta Manoel de Barros, possui, desse modo, consonância, visto encontrarmos na “a natureza das coisas”, como ele mesmo costumava dizer, a construção do “idioleto” barriana na que desfolharemos no cenário da educação ambiental.

O poeta das “coisas desimportantes”, que não gosta da “palavra acostumada”, que “Preza insetos mais que aviões” e que se dedicou a “escovar as palavras”, apresenta, nos trechos de obras que formatam o *corpus* desta pesquisa, um incessante campo para a análise ecolinguística a que nos propusemos realizar. Tais questões são flagrantes em afirmações do poeta:

“Escrevo o idioleto mannelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as

significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene”. (2001, p.43)

O poeta sempre fez questão de deixar claro que a sua poesia era fertilizada pelo sol, pelas águas, pelo chão, mas a palavra não lhe servia para descrever paisagem, porque “a poesia não é um fenômeno de paisagem, mas um fenômeno de linguagem”. E são exatamente esses fenômenos de que fala o poeta que analisamos neste trabalho. A respeito disso, Vieira e Aguiar (2009) afirmam que Manoel de Barros mostra, através da ludicidade com as palavras, a busca pelo princípio do mundo, da vida e da própria língua.

Em Barros, a poesia local dá origem a um linguajar inovador, repleto de neologismos, que, no limite da agramaticalidade, liga a língua portuguesa a suas raízes mais profundas, a seus mistérios mais primitivos, instaurando um mundo tão novo como o que existia no momento seguinte ao da criação, ainda não organizado, em metamorfose, em estado de nascimento. (VIEIRA ; AGUIAR, 2009; p.11)

Nesse cenário, a relevância de apontarem-se novos referenciais para a discussão socioambiental deve levar a análises mais que conservacionistas; sobretudo, que ressalte a relação homem-sociedade-natureza, trazendo a educação ambiental (EA) para um enfoque que rompa com as concepções simplistas, possibilitando, assim, a emancipação e transformação dos sujeitos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A modernidade exigiu da arte literária uma nova forma de fazer-se, instaurando intensa renovação estética, semântica e relacional. Nesse cenário de modernidade e busca por identidade cultural, literária, a interdisciplinaridade e a transversalidade temática tornaram-se, cada vez mais, princípios intrínsecos à linguagem da arte praticada pelos brasileiros. No entrelaçar que essa característica propõe, nascem infinitas possibilidades de conversa de saberes, de plurissignificações dos mais diversos olhares sobre a realidade. Nesse contexto, a construção da memória segue o percurso de registro identitário, de construção de valores relacionados às experiências vividas por enunciadores e coenunciadores. Para Bosi (2002, p.66), “A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora de futuro”. Por isso, o registro dessa memória configura-se um relevante meio de fortalecimento interpretativo na produção literária, demarcando caminhos de análise e também de produção que se transforma à luz do seu tempo e espaço. É notório que tal poder de transformar está relacionado ao mistério impresso nas palavras poetizadas, capazes de levar o leitor à descoberta de novos sentidos para o universo, para as coisas, para os homens – o que

se vê absolutamente determinante na obra de Manoel de Barros -, cuja transcendência semântica e linguística bem interpreta Barbosa.

De trastes e restos será composta também sua obra. Assim como a pobreza permitiu a Jó o encontro com Deus, a união de restolhos, lodos, lesmas, lixos – as pobres coisas do chão – dará um matiz sagrado ao poema de Manoel de Barros. Assim como Jó, o sujeito poético deve estar coalescente às coisas para encontrar o irrepresentável. As pobres coisas do chão são valorizadas porque elas são as próprias coisas e nada mais. Para elas não existe a grande frustração dos humanos que não sentem o que são, apenas percebem. E perceber proporciona uma distância entre a visão e o objeto, distância que nunca poderá ser vencida. É por isso que devemos, também, segundo Barros, transformarmo-nos em entulhos, lixos, lodos. (BARBOSA, 2003, p. 55, apud CERCARIOLI, 2012).

Além disso, o aprofundamento dos experimentos linguísticos da literatura transcende aspectos normativos da língua e ratifica a vivacidade que a palavra possui, revelando a sua ambientação e, em muitos aspectos, a densidade das experiências do autor, sua intencionalidade e tudo que foge a essa intenção.

A língua poética adquire o caráter de um experimento, do qual emergem combinações não pretendidas pelo significado, ou melhor, só então criam o significado. O vocabulário usual aparece com significações insólitas. Palavras provenientes da linguagem técnica mais remota vêm eletrizadas liricamente. A sintaxe desmembra-se ou reduz-se a expressões nominais intencionalmente primitivas (FRIEDRICH, 1991, p. 17-8)

Pensando nesse universo amplo em que a Literatura se relaciona com outros saberes, abordamos, neste trabalho, a relação com a Ecolinguística, com base na Análise do Discurso Ecológica, de base fortemente humanizada.. Na abordagem da Ecolinguística, são as referências-base o precursor Einar Haugen (1972), para quem “o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade”, e o considerado “pai da Ecolinguística no Brasil” , Hildo Honório do Couto, que reitera a condição de ambiente da língua – no sentido mais amplo da palavra- como o contexto mental, cultural e social em que a linguagem se desenvolve. De acordo com Couto (2007; p.127), a Ecolinguística está pautada nas relações entre a população (P) da ecologia; o onde, que é o território (T); e os padrões de inter-relação com a língua (L) – esse é, portanto, o ecossistema linguístico básico, formado por P, T e L. O autor afirma que “está na mente do indivíduo [...] e nesses indivíduos cujos corpos fazem parte da natureza, se encontra o cérebro, também ele parte da natureza. É o cérebro que constitui o lócus dos processos mentais em que se inscreve o imaginário” (COUTO, 2007; p. 90) Essa relação inicia-se no campo da percepção humana, em que o momento sensorial envolve o indivíduo, cuja ação de

sociabilização e compartilhamento de língua gera os elementos conceituais do que chamamos léxico:

As coisas do mundo natural [...] são percebidas não porque temos as palavras “árvore”, “animal” e “água”, como algumas escolas filosóficas dão a entender. Pelo contrário, nós temos as palavras “árvore”, “animal” e “água” porque as árvores, os animais e a água já estavam no mundo antes de as percebermos (COUTO, 2007; p. 279).

Couto reforça o pensamento de que a lexicalização humana está intimamente ligada ao contexto, ao universo que situa o indivíduo, refutando a ideia de que seja o indivíduo, por si mesmo, a origem dessa construção.

Figura 2: Quadro de equivalências entre a Ecologia e a Ecolinguística

ECOLOGIA	ECOLINGUÍSTICA
- ecossistema biológico - população	- ecossistema linguístico ou comunidade linguística - povo (P)
- habitat (biótopo, nicho)	- território (T)
- inter-relações (interações)	- linguagem/língua (L)
a) interações organismos-mundo	- significação
b) interações organismo-organismo	- comunicação (interação comunicativa)

Fonte: (Couto, 2014; p. 30)

No quadro de equivalências entre a Ecologia e a Ecolinguística (Fig. 2), vê-se, claramente, que a língua é constituída de interações que se dão no interior do ecossistema linguístico. Assim, as regras sistêmicas são coadjuvantes das regras interacionais. Está claro que a Ecolinguística tem um escopo abrangente, holístico, e não há qualquer abordagem linguística capaz de lhe parecer estranha. Esse universo de construção reflete-se perfeitamente bem na obra de Manoel de Barros. Isso, porque o achado dos sentidos da palavra no seu meio ambiente (social, mental e natural) constitui a imensa riqueza da escrita barriana. A percepção do território, no processo de inter-relação homem-mundo, como propõe Couto (2015), na Análise do Discurso Ecológica, denota essa descoberta. E a visão de equilíbrio proposta na ADE, em que o ser humano passa a compreender a possibilidade de harmonia entre o homem e o meio ambiente revela-se em experiência registradas por Manoel de Barros em sua obra, como a metáforização abaixo, em que homem-meio-palavra se fundem:

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras...” (BARROS, 2003)

A contribuição dessa visão para a educação ambiental vem sendo pensada dentro das diversidades oferecidas pelo ambiente às vezes antagônico, levando, assim, à reflexão e à investigação que promovam sucesso da aprendizagem. Esta, por sua vez, deve transcender os aspectos antropocêntrico e adentrar o caráter econcentrista da abordagem, como se vê em Leff (2002), Layrargues (2004) e Loureiro (2006). Surgida em meados dos anos 60 do século XX, a preocupação com a educação ambiental vem ganhando força no caráter de interdisciplinaridade capaz de intensificar a difusão de valores que alteram o lugar do discurso antropocêntrico no tocante à relação homem-natureza.

3. METODOLOGIA

Traçamos, nesta pesquisa, o caminho teórico-metodológico da Análise do Discurso Ecológica, praticada em torno da Escola Ecolinguística de Brasília. A Análise do Discurso Ecológica (ADE) se dedica ao estudo de textos e discursos contextualizados nos três sistemas da Ecolinguística – social, natural e mental. De acordo com Couto (2014, p.34), a ADE recebe tanto a referência de teoria, quanto de método, cujo interesse focaliza o uso do discurso nas relações entre os seres, no ecocentrismo,

A ADE, embora acompanhe aspectos estruturais da linha inglesa de Norman Fairclough, diferencia-se desta em três aspectos ideológicos fundamentais: primeiro, no que diz respeito às relações de poder de cunho marxista; segundo, no que se refere ao antropocentrismo humanístico; terceiro, à defesa da ditadura do proletariado (COUTO, 2014; p. 32). A ênfase da teoria-metodológica da Análise do Discurso Ecológica é a defesa da vida na face da terra, questão propugnada pelo ecolinguista e filósofo da linguagem Peter Finke.

A ADE, em princípio, pode ser usada para a análise de qualquer tipo de

texto, inclusive textos abstratos. [...] Tenho plena convicção de que a ADE traz novas ideias para a análise do discurso, isenta de ideologias político-partidárias, religiosas, etc. (COUTO, 2014; p. 38-39).

O *corpus* deste estudo se faz com uma coletânea de poemas de Manoel de Barros, que serão analisados qualitativamente, considerando aspectos da ordem textual, discursiva e ambiental, calcados na ADE, que busca a análise do equilíbrio, da língua como cerne da relação do homem com a natureza, de forma harmônica (COUTO et al, 2015, p. 138).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

AUTO-RETRATO FALADO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.

Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.

Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.

Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.

Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.

[...] Os bois me recriam.

Agora eu sou tão ocaso! Estou na categoria de sofrer do moral, porque só

Faço coisas inúteis. No meu morrer tem uma dor de árvore (BARROS, 2001a, p. 103)

Trazemos à análise do auto-olhar de Manoel de Barros, a confluência do “eu”, presente nos pronomes e verbos, com a natureza, personificada nas aves, nas árvores, no rio, no Pantanal. Essa estrutura perceptiva evoca a ecologia mental, que nos chama a pensar a ideia de Território (espaço vivido, sistema subjetivamente percebido, em que comportamentos e investimentos vão ocorrer). Evoca, também, o estado ético primário do homem, o qual se faz capaz de nortear as ações humanas, fazendo o indivíduo revisitar conceitos sobre o trabalho, a cultura e diversos outros aspectos da sua vida diária. O intento é levar o homem a reorientar sua análise a respeito dos valores pré-concebidos, deterministas, que têm (des) orientado a relação do homem com ele mesmo, com seu semelhante e com o planeta.



No “Livro das Ignorâncias” (3ª parte), Manoel de Barros nos fala de “Bernardo”, que nos parece uma espécie de representação do próprio poeta em sua vivência com a natureza, com as coisas e a natureza das coisas:

Bernardo já estava uma árvore quando eu o conheci
Passarinhos já construía casas na palha do seu chapéu.
Brisas carregavam borboletas para o seu paletó.
E os cachorros usavam fazer de poste as suas pernas.
Quando estávamos todos acostumados com aquele sujeito-árvore
Ele bateu asas e avoou. Virou passarinho.
Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.
Sempre ele dizia que o seu maior sonho era
Ser um arãquã para compor o amanhecer (BARROS, 2001, s.p).

Nesse universo de imagens e sentidos envolto na arte da palavra barriana, com o caráter epistemológico da Análise do Discurso Ecológica, podemos encontrar o caminho das inter-relações, da harmonia do todo, do holístico, na dinamicidade das palavras do “poeta da palavra”, como ele mesmo se designou. Ademais, é muito interessante perceber como, através de recortes e reorganizações da sintaxe e da semântica, a obra barriana mostra-se consistente na formulação de sentidos concretos, mesmo utilizando-se de elementos abstratos, transformando a ordem das coisas no mundo, em que o homem não é mero contemplador da natureza, mas é parte constituinte desta, o que se mostra confluyente com a Ecologia da Alma proposta por Juracy Marques:

Uma gota de água lançada no oceano é oceano? Ou o mar é uma constelação de gotas? No campo das subjetividades humanas, nosso pinga no Outro é que nos faz “nós”, sujeitos únicos; é o que constitui nossos territórios subjetivos, nossas almas oceânicas. Essa imensidão de água, o Outro, só existe porque o supomos como algo de nós, um externo interior, um êximo, um oceano que pinga numa gota, que escorre num rio que nunca seca: a subjetividade humana (MARQUES, 2012; p.23)

Isso, porque, em Manoel de Barros, o homem não representa o ser dominador da natureza, não se coloca acima de outros seres e coisas. Em “Livro das Ignorâncias”, o poeta pergunta: “Pode o homem enriquecer a natureza com sua incompletude?” Considerando-se, sob esse olhar, os desejos da natureza, compreende-se que a finalidade dela aqui não é para atender aos anseios e necessidades do homem, e, sim, que fazer-nos entender que o homem faz parte dessa natureza. E, também nisso, Marques encontra eco em Leff (2002), o qual ressalta a necessidade de um novo posicionamento do

conhecimento científico, que deve estar orientado para a desconstrução total da visão fragmentada dos saberes, direcionando-a ao holismo, como forma eficiente de se discutirem e resolverem as crises ambientais. A educação elaborada nessa vertente tem um papel preponderante no processo de ressignificação da relação do homem com a natureza.

CHICO MIRANDA (na rua do ouvidor)

O poeta é promiscuo dos bichos, dos vegetais das pedras.

Sua gramática se apoia em contaminações sintáticas.

Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs (BARROS, 2007a, p.39).

A obra barriana determina, assim, que qualquer pesquisador alcance a percepção do estranhamento dos seus escritos. E é exatamente nesse estranhamento que consiste a riqueza e a complexidade que verificamos aqui, através dos mecanismos que a Ecolinguística disponibiliza, sob a Análise do Discurso Ecológica. Esta com a qual se identifica, nos versos de Barros, “as contaminações sintáticas” sob a metáfora do entranhamento do homem com o dizer da natureza. A pedra, o bicho e os vegetais têm voz, que se compõe na realidade viva do poeta. Também á luz de Friedrich, a poesia de Manoel de Barros indica marcas das chamadas “categorias negativas”, sinais da literatura moderna, em que são flagrantes “desorientação, dissolução do que é corrente, ordem sacrificada, incoerência, fragmentação, reversibilidade, estilo de alinhavo, poesia despoetizada, modo de ver astigmástico, estranhamento...” (FRIEDRICH, 1978, p. 22). A des-criação do tempo, do espaço, das coisas e das palavras referenciam o poeta como um “inventador” de cultura linguístico-poético comparado a Guimarães Rosa, em sua fenomenal capacidade de viver a palavra, des-inventando a realidade.

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
- b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
- c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
- d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
- e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
- f) Como pegar na voz de um peixe
- g) Qual o lado da noite que umedece primeiro. etc etc etc

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios (BARROS, 2001a, p.09)

A proposta do poeta quanto à ideia do “desaprender” remonta ao conceito de um novo olhar sobre a educação ambiental, num processo de ressignificação do homem frente o seu papel no meio ambiente. Chamamos a essa análise com a ecologia ambiental de Guatarri (2207), para quem a complexidade da relação do homem com seu semelhante, com o planeta, com a natureza, baseada em dogmas crescentes de consumo e poder, é dita um desafio: “Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (2007, p. 9). Condicionadas às atitudes mentais individuais e sociais, o necessário equilíbrio natural do planeta é o grande desafio deste século. Guatarri vê no controle do homem sobre o que chama de “mecanosfera” a saída para o planeta. Isso, naturalmente, considerando princípios éticos da subjetividade que, conseqüentemente, compõem a coletividade social e sua capacidade de rever conceitos, ressingularizando e ressignificando a relação do homem com o planeta, no equilíbrio proposto pela teoria da Análise do Discurso Ecológica e claramente aplicável à educação ambiental, como afirma Oliveira:

Uma educação que dá asas à imaginação para um mágico voo que conduza à liberdade, advinda da palavra poética, na qual o futuro esteja sendo vislumbrado por uma lente mais justa e igualitária. Portanto, é emergente a busca por um olhar mais sensível onde o medo de Manoel jamais possa encontrar seu lugar, mas que a sua utopia, muito mais que espaço, possa ser os braços e os sentimentos que estruturarão a sociedade futura. A poética de Manoel apresenta uma comunhão com as coisas do mundo, pois solicita a infância latente no ser humano. (OLIVEIRA, 2010, p. 153)

A autora percebe as coisas conectadas e, pela linguagem, transcende as fronteiras do literal, ressignificando e apresentando o mundo com imagens que permitem aguçar a sensibilidade humana, dando subsídios fortes ao ser humano para que possa viver seus sonhos em busca de uma sociedade que abrigue a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi mostrar a relação do “idioleto” de Manoel de Barros com a educação ambiental, como uma ferramenta de análise sobre a relação do homem com o meio ambiente. Buscamos, através da Análise do Discurso Ecológica, fazer essa ponte sob o prisma de que a ecologia da interação comunicativa é o cerne da língua, como propõe a ADE, dando campo de análise à educação ambiental. Encontramos um fazer poético capaz de levar as pessoas a uma crítica subjetiva, metafórica e, ao mesmo tempo, prática daquilo que o antropocentrismo pôde impregnar no comportamento social ante a natureza O discurso hegemônico instaurado, inclusive na

educação, levou diversas gerações a olhar os bens naturais como objetos próprios à exploração sem fim, por um predador (homem) que não se faz parte natural desse ambiente. A relação entre a poesia de Manoel de Barros e o olhar holístico do homem sobre a natureza, através da linguagem, reitera a força que um novo fazer da educação ambiental.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Berenice Gehlen. ROSA, Marcelo Barcellos da. PINHEIRO, Damaris Kirsch. PERES, Paulo Edelar Corrêa. **Educação Ambiental a distância: capacitação em documentos de referência**. Rio de Janeiro, 2010.

BARROS, Manoel de. **Poesia reunida**. São Paulo, Leya, 2010.

_____. Manoel de. **Livro sobre nada**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Manoel de. **Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1993.

CERCARIOLI, Adriana. **O acriancamento poético na obra de Manoel de Barros: infância e linguagem invencionadas**, Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul, 2012.

COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus Editora. 2007.

_____. Hildo Honório do. **Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso crítica**; in COUTO et al. **Antropologia do Imaginário, ecolinguística e metáforas**. Thesaurus Editora, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. **Análise do Discurso Ecológica (ADE)**, Campinas, Pontes Editora, 2015.

FHILADELFIO, Joana Alves. CRUZ, Wanêssa. **Manoel de Barros: Cosmopolita poético**. Universidade Federal de São João Del Rei, 2008.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna (da metade do século XIX a metade do século XX)**. Trad.: M. M. Curione e D. F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GUATTARI, F. **As três ecologias** As três ecologias As três ecologias. 18. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

LEFF, H. **Epistemologia ambiental**. Editora Cortez. 2002.

LOUREIRO, C. B. F. & LIMA, A educação ambiental e a escola: uma tentativa de reconciliação. In: J. G. S PAZ, R. J. (org.). **Fundamentos, reflexões e experiências em educação ambiental**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma**. Petrolina: Franciscana, 2012.

MENEZES, Cynara. **O artista quando coisa. O Povo, (14/nov/1998)**.

.OLIVEIRA, Maria Elizabete Nascimento de. **A Educação Ambiental e Manoel de Barros: diálogos poéticos**. / Cuiabá (MT), 2010.

VIEIRA, Tania Regina. AGUIAR, Ofir Bergemann de. **A (re)criação do idioleto manoolês**. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.